

Homenagem a Wilson Suzigan

Sergio Salles-Filho

Campinas, 5 de setembro de 2024.

Início cumprimentando os colegas dessa mesa

Prof. Antônio Meireles, prof^a. Maria Luiza Moreti, prof. Márcio Cataia e prof. Wilson Suzigan, hoje a figura central desta cerimônia

Senhoras e senhores, muito boa tarde.

É um prazer e um privilégio estar aqui hoje.

Em junho de 2024, estava eu em minha leitura diária de e-mails, quando uma mensagem me chamou a atenção. Era sobre a concessão do título de professor emérito da Unicamp ao meu colega Wilson Suzigan. Homenagem, esta, que eu já sabia que aconteceria no dia de hoje.

Mas, para minha surpresa, a mensagem trazia o convite para vir aqui, como padrinho. Dupla alegria: por ele, que recebe o merecido título e, por mim mesmo, de fazer parte desse momento.

O melhor de tudo é que esse convite me levou a uma nova aproximação do Wilson e de sua obra. Privilégio em dobro, portanto.

Assim, começo aqui lhe agradecendo, Wilson, pelo convite. Obrigado, meu querido, é um grande prazer estar aqui. Prazer que vem com a responsabilidade que a ocasião impõe.

Nas nossas réguas de vida, imaginárias e unilaterais, sempre me julguei mais próximo dele do que, pensava, ele de mim.

Natural, a referência que ele representava quando estudei economia, ainda no doutorado, e que seguiu representando ao longo dos anos, o colocava como “ponto de fuga” do meu horizonte acadêmico.



Lembro que há mais de 20 anos, quando estava na FINEP e decidimos criar a *Revista Brasileira de Inovação*, houve uma oportunidade de nos aproximarmos. Foi então que convidamos Suzigan para ser o editor dessa nova revista.

Ninguém melhor que ele para tocar esse tema, que crescia muito no Brasil – e no mundo. A propósito, a revista segue hoje firme sob sua batuta, dele e do Renato Garcia.

Feito este introito, preciso falar um pouco sobre a importância da concessão desse título.

Já aviso que serei incompleto, é impossível ser exaustivo sobre as contribuições do Wilson e sobre tudo que embasa o mérito dessa cerimônia. Mas devo destacar alguns pontos que, acredito, demonstram o porquê de estarmos aqui hoje.

Começo com uma opinião contemporânea e absolutamente imparcial sobre ele:

“Nas décadas de 1980 e 1990, o campo da economia industrial no Brasil foi influenciado por diversos economistas que realizaram pesquisas importantes sobre o desenvolvimento da indústria, políticas econômicas e a transformação produtiva do país. Entre os principais pesquisadores desse período, destacam-se:

1. **Wilson Suzigan:** Autor de obras fundamentais sobre a história da industrialização no Brasil, como *‘Indústria Brasileira: Origens e Desenvolvimento.’* Suzigan é uma referência nos estudos sobre o processo de industrialização e políticas industriais brasileiras, com um enfoque na análise histórica e econômica.”

Essa fala, prezadas e prezados, vem do ChatGPT que, inteligentemente, coloca nosso homenageado no topo da resposta.

Já que o ChatGPT citou uma das obras mais conhecidas do Suzigan, vale lembrar que ela veio de sua tese de doutorado. Já como pesquisador do IPEA, foi realizar seu doutoramento na Universidade de Londres (e logo em seguida, veio para a Unicamp).

Durante aquele período, graças à curiosidade e à criatividade típicas de um pesquisador talentoso, dados e análises originais foram por ele

produzidos, dando novas cores para a interpretação da industrialização do país.

Visitando os arquivos de comércio exterior de países centrais, em especial Inglaterra, França, EUA e Alemanha, Suzigan compilou informações sobre as exportações de bens de capital daqueles países para o Brasil, o que lhe permitiu juntar as pontas e criar indicadores de investimento na indústria brasileira entre o fim do século XIX e os anos 1970.

A tese “Indústria brasileira: origem e desenvolvimento”, mencionada pelo ChatGPT, defendida em 1984, virou obra de referência e segue sendo adotado em programas de economia brasileira pelas universidades deste país.

Há 3 anos, em 2021, a editora Hucitec lançou a 3ª edição do livro. Ao comentar essa nova edição, Flávio Saes, que prefacia a obra pontuou sobre os achados daquela pesquisa: “Trata-se do indicador mais preciso sobre o crescimento da indústria antes de 1940”.

A busca por dados e por métodos para analisá-los, a fim de tirar conclusões bem fundamentadas, é uma das características da trajetória de Suzigan.

São análises quantitativas feitas por alguém que preza o qualitativo, a história e as instituições. Uma combinação essencial em Economia.

Obras anteriores já davam o tom: antes desse livro, Suzigan publicou, em coautoria com Carlos Manuel Peláez, estudo intitulado “História monetária do Brasil: análise da política, comportamento e instituições monetárias”, outra obra de referência. Além de recuperar dados dispersos e juntá-los, dando-lhes sentido, detalhou a importância das instituições na história monetária do país.

Esse é outro ponto que creio vale aqui destacar: acercando-se de dados e do olhar sobre as instituições e suas funções históricas, Suzigan fez e faz análises econômicas vigorosas, fugindo de conclusões apressadas e verdades pela metade, jogando luz para que pudéssemos entender melhor a formação das políticas econômicas e da industrialização da economia brasileira.

Como nada ou quase nada é linear neste país, e como a ideia de o Estado participar diretamente do desenvolvimento econômico vai e vem

por ondas mais ou menos regulares, com períodos de sim: políticas, por favor! E outros de não: mercado por favor! Os anos pós ditadura (um período bastante intervencionista na economia, vale dizer) deram lugar a uma sucessão de governos pró e contra políticas industriais.

Sem abalos e talvez acostumado com os humores e crenças dos governantes de plantão, Suzigan seguiu produzindo o que havia de melhor sobre política industrial.

O livro *Industrial Policy in Brazil*, em coautoria com Annibal Vilela, talvez seja fruto disso. Então no NEIT (Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia do IE/UNICAMP), o livro é produto acabado de um trabalho comissionado pelo lendário *Ministry of International Trade and Industry* (MITI) do Japão, em meados dos anos 1990.

Publicado em inglês em 1997, virou referência para leitores estrangeiros que queriam aprender mais sobre política industrial no Brasil. A obra ampliou o alcance de suas ideias, revigoradas e reforçadas após estudar as políticas industriais do Japão, um país que construiu o futuro de sua indústria de forma até então incomum, com decididas políticas industriais, tecnológicas e de comércio internacional, que acabaram sendo imitadas por países do sudeste asiático e, mais recentemente e a seu modo, pela própria China.

Outro ponto a destacar são seus estudos sobre o papel do conhecimento e da inovação no desenvolvimento local. Desde o início dos anos 1990, Suzigan foi pioneiro, abriu e pavimentou essas frentes no Brasil.

Antes de falar sobre isso, abro aqui um parêntese para mencionar sua migração para o Instituto de Geociências, vindo do Instituto de Economia da Unicamp.

Foi em meados de 2004 que Suzigan, após 20 anos de uma trajetória de sucesso no Instituto de Economia, chegou ao DPCT como professor convidado, trazendo toda sua bagagem acadêmica e sua empatia pessoal, estreitando nossas relações com o IE e fortalecendo nosso Departamento e o próprio Instituto de Geociências.

Pois foi aqui no DPCT que Suzigan ampliou seus trabalhos sobre relações universidade empresa e arranjos produtivos locais. Anos depois,

foi aqui também ele sediou e consolidou a *Revista Brasileira de Inovação*, vinda de sua Instituição original, a FINEP.

Seus estudos sobre relação universidade-empresa e sobre arranjos produtivos locais prosperaram e logo viraram referência pelos novos métodos de mensurar as relações da academia com as empresas, assim como pelas tipologias para melhor identificar os diferentes tipos de arranjos industriais, locais e regionais; tipologias estas que influenciaram políticas de desenvolvimento local em todo país.

De cara, e aqui vale registrar, destaca-se, nessa linha, a recuperação histórica da importância da universidade para o desenvolvimento tecnológico, produtivo e econômico no Brasil.

Sobre isso, o título de um artigo seminal publicado em 2011 na *Revista de Economia Política* diz tudo: *The underestimated role of universities for the Brazilian system of innovation*, publicado em co-autoria com Eduardo Albuquerque.

Na temática de promoção de desenvolvimento local, outro estudo publicado na *Revista de Economia Política* colocou em evidência as características relacionadas ao sucesso de arranjos produtivos, dando insumos fundamentais para a elaboração de políticas que mesclavam produção de conhecimento científico e tecnológico com desenvolvimento local e regional.

Foi, assim, um dos pioneiros, no Brasil, no estudo das relações mutuamente dependentes entre estrutura industrial e sistema de ciência e tecnologia.

Seus trabalhos no início dos anos 1990 sobre sistemas de inovação abriram portas para a generalização dessa abordagem que culminou com a adoção do “I” de inovação à sigla C&T, hoje mais conhecida como CTI.

Naturalmente, os métodos e indicadores desenvolvidos e aplicados por ele em colaboração com vários colegas (dentre os quais tomo a liberdade de nomear dois que vêm sendo parceiros e colaboradores permanentes de Suzigan, Renato Garcia e Eduardo Albuquerque), logo deram suporte para políticas de desenvolvimento regional, com diferentes abordagens:

APLs, Sistemas Locais de Produção, Parques tecnológicos, Aglomerados ou Clusters, Ecossistemas de inovação, dentre outras que acabaram por desenhar parte relevante das políticas de desenvolvimento local no Brasil ao longo dos últimos 20 anos.

Bem, não bastasse toda essa trajetória, Suzigan, junto com nosso colega de imensa estatura acadêmica, o querido professor Tamás Szmrecsanyi, participou da fundação da Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica (ABPHE), do qual foi secretário executivo e presidente.

Esse título, que ora a Unicamp lhe concede, Wilson, é um reconhecimento de tudo isso e do muito mais que não conseguiria aqui discorrer nessa cerimônia.

Para finalizar, não poderia deixar de falar da pessoa com quem temos tido o prazer de conviver. Wilson é naturalmente empático, acessível e sempre elegante no debate. Por onde passou, deixou um rastro de competência e amizades.

Eu, um observador de suas qualidades, sinto-me privilegiado e honrado de estar aqui hoje neste dia tão especial para ele, para nós e para a Unicamp.

Registro, por fim, que compartilhamos de uma paixão em comum: o futebol, ainda que com pontos de vista bem diferentes. Ele, do lado verde da força, que reconheço, está em alta; eu, do lado alvinegro, que infelizmente tem flertado com o lado escuro da força. Oxalá isso se reverta em breve.

Obrigado por tudo, meu caro. Parabéns pelo merecido título.

Um forte abraço,